

**APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS: UMA BREVE ANÁLISE DO PENSAMENTO DE  
KARL MARX E MAX WEBER**

*Approaches and distances: a brief analysis on thought of Karl Marx and Max  
Weber*

*Philippe Ferreira Xavier da Silva<sup>1</sup>*

*Talita Francisco Xavier<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar de forma breve a biografia, as obras principais e os conceitos fundamentais de Karl Marx e Max Weber. Ao final, em apertada síntese, será apresentada uma comparação entre eles e também algumas considerações acerca de um possível diálogo entre as sistematizações dos eminentes pensadores. Esses autores são reconhecidos, ao lado de Comte e Durkheim, como fundadores da sociologia e teorizaram sobre aspectos da sociedade que podem ser tratados como pensamentos que rivalizam ou que se complementam ou, ainda, que possuem tanto uma aproximação quanto um afastamento, a depender da abordagem com que são tratadas as ideias dos referidos teóricos. As fontes usadas para construir este texto são de natureza bibliográfica, abordando tanto os textos dos autores quanto a contribuição daqueles que se dedicaram a pesquisar a obra de Marx e Weber.

**Palavras-chave:** Karl Marx; Max Weber; Sociologia Clássica; Análise comparativa.

**ABSTRACT:** *The aim of article is to briefly present the biography, main works and fundamental concepts of Karl Marx and Max Weber. At the end, in a close synthesis, a comparison will be presented between them and also some considerations about a possible dialogue between the systematizations of the eminent thinkers. These authors are recognized as one of the founders of sociology and theorized aspects of society that can be treated as rivaling or complementing thoughts or that have both an approximation and a departure from depending on the approach with which the ideas of the referred theorists. The sources used to construct this text are of a bibliographic nature, addressing both the authors' texts and the contributions of those who dedicated themselves to researching the work of Marx and Weber.*

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Graduação em Direito da Faculdade de Administração de Santa Cruz do Rio Pardo (OAPEC Ensino Superior). *E-mail:* px-silva2012@bol.com.br.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Graduação em Direito da Faculdade de Administração de Santa Cruz do Rio Pardo (OAPEC Ensino Superior). *E-mail:* tafraxavier@gmail.com.

**Keywords:** Karl Marx; Max Weber; Classical Sociology; Comparative analysis.

## INTRODUÇÃO

É cediço que Karl Marx e Max Weber são importantes pensadores para o estudo da Sociologia por estarem no rol de seus primeiros teóricos. A importância, todavia, não é somente histórica. Antes, trata-se de autores clássicos não apenas em razão da influência de seus pensamentos na tradição científica, mas também porque oferecem categorias de pensamento que permitem maior compreensão da sociedade contemporânea.

Karl Marx, conforme informa José Arthur Giannotti, nasceu em 1818, em Treves (atual Alemanha), aos cinco de maio<sup>3</sup>. Sua família era inicialmente judaica, convertendo-se seu pai ao cristianismo em 1824. Este fora advogado e conselheiro de justiça<sup>4</sup>. Marx, portanto, nasceu em um ambiente que pode ser reconhecido como uma classe média entre a opulência da elite burguesa e a escassez dos proletários (para usar uma terminologia que lhe seria característica).

Ainda com informações de Giannotti, sabe-se que Marx casou-se com Jenny Von Westphalen (de família rica) e iniciou seus estudos na Universidade de Bonn, estudando também na Universidade de Berlim. O casal Marx viveu com dificuldades muitas em razão da polêmica das publicações do pensador alemão. Ademais, menciona-se que este foi exilado diversas vezes, não obteve uma cadeira de professor universitário e não contou com o prestígio que sua obra reclamaria posteriormente. Porém, se as originalidades e a criticidade de suas obras não recebiam dos meios acadêmicos o louvor que faria jus em tempos seguintes, nos meios políticos de esquerda era lida com entusiasmo. Aliás, a sobrevivência da família Marx advinha, em expressiva medida, pelas publicações em periódicos bem como na direção de revistas ou ainda, do apoio financeiro de seu amigo e coautor do Manifesto: Engels.<sup>5</sup>

Mesmo em meio à adversidade financeira e política, Marx continuou a escrever suas teorias e a divulgar suas ideias. Terminou sua vida em Londres em 14

---

<sup>3</sup> GIANNOTTI, José Arthur. *Karl Marx*. In: *Coleção Os Pensadores*. Traduzido por Edgard Malagodi. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1999. pp. 05-19.

<sup>4</sup> Idem, pp. 05, 06.

<sup>5</sup> GIANNOTTI, José Arthur. *Karl Marx*. In: *Coleção Os Pensadores*. Traduzido por Edgard Malagodi. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1999. pp. 05-19.

de março de 1883, não conhecendo da expressiva influência política que seus pensamentos teriam sobre o globo terrestre em todo século vinte, bem como a influência que teria nas mais diversas correntes de pensamento.

Max Weber, conforme preleciona Aron, nasceu em 21 de abril de 1864 em Erfurt, na Turíngia, atual Alemanha. De família protestante, pai jurista e mãe religiosa, Weber foi educado em um lar culto e objeto de visitas de intelectuais e políticos de prestígio, pois seu genitor era de família de comerciantes e industriais e ocupou cargos políticos filiando-se à direita liberal.<sup>6</sup>

Weber, por sua vez, graduou-se em Direito e obteve seu doutorado na mesma área. Porém, possuía outros interesses acadêmicos tais como “História, Economia, Filosofia e Teologia”<sup>7</sup> em Heidelberg, e nas Universidades de Berlim e Göttingen. Foi professor universitário, soldado e oficial do exército alemão. Orientou pensadores de vulto, na ocasião estudantes, tais como Georg Lukács e Karl Löwenstein. Sua casa era centro dos cientistas alemães. Chegou a participar da comissão que redigiu a Constituição de Weimar.<sup>8</sup>

Casou-se com Marianne Schnitger, que publicou postumamente sua obra-prima: *Economia e Sociedade*. Faleceu em 1922, alcançando já em vida grande prestígio no meio acadêmico e influenciando as gerações que a ele se seguiram.

## CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Sob diversos aspectos, é possível especular e estabelecer qual seria o conceito fundamental de Marx ou de Weber. Neste trabalho, opta-se por um viés que permita considerar o conceito fundamental enquanto um sentido de sociedade. É neste viés que se coloca qual seria a ideia fundamental dos autores. A escolha de apresentar o que seria tal conceito permite que sejam sintetizados os pensamentos de Marx e de Weber para o fim que aqui se coloca, qual seja, o de compreender a sociedade por meio da aproximação das obras dos autores aqui estudados.

---

<sup>6</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 834-835.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Id.

Pode-se afirmar sem recair em reducionismos, que o conceito fundamental de Marx é a concepção da sociedade enquanto ocorrência das manifestações de uma superestrutura do alicerce social, que seria uma estrutura econômica. Para Weber, o conceito fundamental de sociedade estaria mais relacionado às diversas influências que sua ciência procurou sistematizar, conforme se apresentará alhures, neste artigo.

De início, convém apresentar Marx, eminentemente um autor fecundo: são inúmeras as suas publicações não apenas em obras monográficas, mas também em correspondências e artigos, nos quais incitou a militância política como o fez de forma expressiva em uma de suas obras mais conhecidas: *O Manifesto do Partido Comunista*. Este livro foi escrito em conjunto com Friedrich Engels e trata de um convite à consciência que a classe dos proletários deve ter de sua real condição e de como deve se aliar aos propósitos de um comunismo internacional. Um trecho, em especial, cristaliza o espírito do referido manifesto:

*Os comunistas recusam-se a ocultar suas opiniões e suas intenções. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados com a derrubada violenta de toda ordem social até aqui existente. Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder nela a não ser suas cadeias. Tem um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!<sup>9</sup>*

Outra obra de vulto é a intitulada *A ideologia alemã*. Também escrita em conjunto com Engels, apresenta um sentido até hoje consagrado na literatura sociológica como conceito marxista de ideologia. Esta teorização afirma que há um conjunto de falsas ideias que ocultam a verdadeira e material condição das pessoas. Para que se tenha uma real percepção das condições materiais dos homens é preciso superar a ideologia e investigar com correção de disposição e de método. É interessante perceber o diagnóstico que os autores propõem em termos de conceito e crítica do que seja a ideologia:

*Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder matéria dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. [...] Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas*

---

<sup>9</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006, p. 82.

*relações materiais dominantes consideradas sob a forma de ideias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação.*<sup>10</sup>

O conceito de ideologia exerce papel singular na teoria marxista. E, assim, a obra supracitada tem razão de compor o elenco ora apresentado. Nessa obra, Marx realiza uma crítica que o induz a uma superação do idealismo hegeliano para uma análise empírica que supere o poder da ideologia reinante em face da materialidade dos dados sobre a realidade social de seus contemporâneos.<sup>11</sup> Esta realidade só é investigável se se superar a ideologia. É na economia e não no estudo do ideário da sociedade que Marx busca encontrar as explicações sobre as condições atuais dos homens na sociedade. E será a partir das conclusões científicas de sua investigação que Marx proporá sua revolução política<sup>12</sup>. Reconhece-se se, por oportuno, que o raciocínio marxista não se apresentou cronologicamente conforme aqui se coloca. Tampouco no Manifesto há uma sistematização dos conceitos de ideologia, de relações ou forças de produção. Mas, não se omite que seu engajamento político se propõe sobre uma base científica e não meramente ideológica; conforme se infere do conjunto da obra analisada e, de forma mais explícita, de passagens como esta:

*Batizaram essa interpolação da sua fraseologia filosófica na crítica francesa com o nome de "filosofia da ação", "verdadeiro socialismo", "ciência alemã do socialismo", "fundamentação filosófica do socialismo", etc. [...] Assim, a literatura socialista-comunista francesa foi completamente castrada. E como nas mãos dos alemães ela tinha deixado de ser a expressão da luta de uma classe contra outra, o alemão convenceu-se de ter superado a "unilateralidade francesa" e de ter defendido não verdadeiras necessidades, mas a necessidade da verdade, não os interesses do proletariado, mas os interesses do ser humano, do homem em geral, do homem que não pertence a classe nenhuma, que não pertence a nenhuma realidade, e que apenas existe no céu nebuloso da fantasia filosófica. [...] Desse modo, apresentou-se ao "verdadeiro" socialismo a tão esperada ocasião de opor ao movimento político as reivindicações socialistas de lançar os tradicionais anátemas contra o liberalismo, contra o Estado representativo, contra a concorrência burguesa, a liberdade de imprensa burguesa, o direito burguês, a igualdade e a liberdade*

---

<sup>10</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006, p. 48

<sup>11</sup> MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, pp. 233-237.

*burguesas; de pregar às massas populares que elas nada tinham a ganhar, mas ao contrário tudo a perder com aquele movimento burguês.*<sup>13</sup>

Assim, uma vez que Marx investiga na economia as razões que levavam a sociedade a ser como era, suas obras nesta área são de suma importância por si só e para a elucidação de seus principais conceitos sociológicos (como são percebidos contemporaneamente). Emerge, neste sentido, a obra de fôlego *O capital*, sua obra-prima e, conforme afirma Raymond Aron, “o centro de seu pensamento”<sup>14</sup>. Há outras obras sobre economia tais como: a *Contribuição à crítica da economia política*, da qual seu prefácio será alhures analisado.

É possível sistematizar o pensamento de Karl Marx sob diversos aspectos: filosófico, sociológico, político ou econômico. Em razão disso, a abordagem deste trabalho privilegiará o enfoque sociológico, ainda que se faça uso de alguns temas de áreas diversas.

Duas colocações iniciais se fazem imperativas. A primeira é reconhecer que Marx é um sociólogo do capitalismo. Este é um reconhecimento que é declarado por Aron<sup>15</sup> e que se faz necessário porque, enquanto cientista, o investigador prussiano analisava e teorizava sobre a sociedade capitalista. É no plano político-filosófico que Marx tratou do comunismo, mas quando tratou do regime vigente o fez em razão de sua ciência econômico-sociológica. A segunda declaração que precisa ser reconhecida é a originalidade de seu pensamento, no sentido de que o conflito e não a coesão é que dão sentido à sociedade capitalista de sua época. Pedro Demo<sup>16</sup> salienta, ao relacionar Marx entre os sociólogos que explicam a sociedade não pelas forças do consenso e da integração, mas pelas forças coativas de integração social. O próprio Marx assim declarou na primeira frase do seu manifesto: “A história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de lutas de classes”<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 200, pp. 73, 74.

<sup>14</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 189.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> DEMO, Pedro. *Sociologia. Uma introdução crítica*. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 1985.

<sup>17</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006, p. 45.

Isso posto, é necessário explicitar os conceitos fundamentais sobre a matéria em análise. Um dos conceitos-chave para o entendimento da obra marxista é o de ideologia e este conceito já fora brevemente trabalhado quando da apresentação da obra *A ideologia alemã*. Este mesmo conceito é dependente de outro que parece ser o fio condutor e garantidor de todo sentido na concepção marxista da sociedade capitalista (e, ao que parece, de todas as sociedades): trata-se do conceito de superestrutura.

No prefácio da obra *Contribuição à Crítica da Economia Política*, a superestrutura é limpidamente explicada, *in verbis*:

*A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que inversamente, determina a sua consciência.*<sup>18</sup>

Esta declaração constante do referido prefácio cristaliza o cerne do pensamento sociológico de Marx. As relações econômicas dão a estrutura da consciência dos homens. O que não for estrutura econômica é a superestrutura, inclusive a já mencionada ideologia.

Das conclusões a que Marx se refere no aludido prefácio, podem ser destacadas algumas expressões. A primeira delas é a que se refere às “relações de produção” que, conforme o magistério de Pedro Demo, pode ser assim reconhecida: “o relacionamento dentro de um modo de produção entre aqueles que possuem os meios de produção e aqueles que não possuem”<sup>19</sup>, ou seja, no capitalismo, entre o capitalista e o proletário. Do conceito de relações sociais surge outro que também possui importância fundamental, não apenas para a

---

<sup>18</sup> MARX, Karl. *Prefácio*. In: MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Traduzido por Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 24.

<sup>19</sup> DEMO, Pedro. *Sociologia. Uma introdução crítica*. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 1985, p. 69.

análise, mas para a própria proposta política do comunismo marxista: as classes sociais; Harnecker assim as conceitua:

*As classes sociais são grupos sociais antagônicos, em que um se apropria do trabalho do outro por causa do lugar diferente que ocupam na estrutura econômica de um modo de produção determinado, lugar este determinado fundamentalmente pela forma específica em que se relaciona com os meios de produção.*<sup>20</sup>

Raymond Aron, analisando o prefácio já mencionado, apresentou, dentre algumas conclusões possíveis do entendimento sociológico de Karl Marx, a seguinte: “os homens entram em relações determinadas, necessárias, que são independentes de sua vontade”<sup>21</sup>. Há um determinismo reconhecido por Marx, no qual a estrutura econômica torna a superestrutura social um monolítico somente superável pela revolução à qual em outro escrito convida.<sup>22</sup> Assim, em apertada síntese, o raciocínio marxista encontra sua conclusão.

Por sua vez, escritor prolífico, Weber possui obra variada. Raymond Aron classificou os livros do sociólogo alemão em quatro tipos: o primeiro sobre metodologia, crítica e filosofia (*Ensaio sobre a teoria da ciência*); o segundo tipo sobre História; o terceiro tipo sobre sociologia da religião, no qual se destaca seu estudo intitulado *A ética protestante e o espírito do capitalismo*; e o quarto tipo é a sua obra-prima *Economia e sociedade*, que trata sobre sociologia geral.<sup>23</sup>

É reconhecido que *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, apesar da crítica que lhe dirige Juan Marsal (para quem se trata de uma obra menor, apressada e refutada<sup>24</sup>) – possui expressiva importância no elenco de escritos de Max Weber. Sílvio Sant’Anna assim o declara:

*Há pouco tempo, a o Jornal [sic] “Folha de São Paulo” divulgou pesquisa que havia encomendado junto a vários intelectuais brasileiros, a respeito de quais seriam os livros mais impactantes do século XX. A Ética Protestante e o*

---

<sup>20</sup> HARNECKER, Marta. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. 8ª Edição. Espanha: Sigloveintiuno editores, 1976, p. 127. Tradução dos articulistas.

<sup>21</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 201.

<sup>22</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

<sup>23</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp.725 e 726.

<sup>24</sup> MARSAL, Juan. *Porque Weber?* In: WEBER, Max. *Ciência e política. Duas vocações*. Traduzido por Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. pp. 13-24; p. 13.

*Espírito do Capitalismo, do sociólogo alemão Max Weber, despontou na lista das obras de não-ficção como o livro do século. Para a consagração definitiva do "tipo ideal", outra obra sua, aliás a obra prima Economia e Sociedade ficou em terceiro lugar no rank das melhores.*<sup>25</sup>

Outra obra que também merece a atenção é *Ciência e política: duas vocações*. Neste conjunto de dois ensaios, Weber apresenta apontamentos sobre o papel do cientista social e o do político, os quais são abordados de forma a resumir temas que noutras obras são aprofundados. Trata-se, em razão disso, de uma introdução que apresenta conceitos de estado, dominação, método científico, entre outros assuntos.<sup>26</sup>

Para Raymond Aron, a obra *Economia e sociedade* é a obra-prima de Weber.<sup>27</sup> Nesta obra, o autor alemão apresenta e fundamenta de forma rigorosa a ciência sociológica.

A própria sociologia é definida em sua obra como uma ciência que compreende e interpreta a ação social explicando-a em razão de sua causa e de seu efeito. A ação social, por sua vez, é aquele comportamento humano que é "referido ao comportamento de outros e por ele se orienta no seu curso".<sup>28</sup> Essa ação social possui um sentido; não se trata, porém, de uma investigação do sentido da atuação de um indivíduo específico (muito mais objeto de preocupação da psicologia). O sentido que interessa à sociologia weberiana é aquele que o pesquisador apreende. É o sentido da ação social do "tipo puro construído"<sup>29</sup>. Ou seja, a sociologia se propõe a investigar e compreender um comportamento geral, estatisticamente relevante.

Posto o objeto de investigação e o que se intenciona apreender, emerge o conceito de compreensão. Tal conceito é de fundamental importância, pois a ciência de Weber é uma proposta de compreensão do dado, é sociologia compreensiva, por definição. Compreensão é, pois, uma "apreensão

---

<sup>25</sup> SANT'ANNA, Silvio *O livro do século* In: WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. pp. 11-20; p. 12.

<sup>26</sup> WEBER, Max. *Ciência e política. Duas vocações*. Traduzido por Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

<sup>27</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 726.

<sup>28</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010, p. 07.

<sup>29</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010.

*interpretativa do sentido ou da conexão de sentido*"<sup>30</sup>. Essa conduta se dirige ao sentido do tipo ideal, da ação social investigada; excluindo-se o intentado pelos indivíduos concretos ou pela média da massa de indivíduos. Isso se vê em razão de que as pessoas podem agir sem pensar, sem querer, por motivos conflitantes, por inveja, por coragem, ou por qualquer outro motivo consciente ou não. A razão do fenômeno pesquisado pode ser de tal forma oculta aos agentes que apenas ao investigar de forma objetiva seja possível a sua compreensão, conforme acrescentou Weber:

*[...] a sociologia encontra-se perante a tarefa de indagar e estabelecer interpretativamente esta conexão, embora não tenha sido elevada à consciência ou, na maior parte das vezes, não o tenha sido com a plenitude com que foi "intentada" in concreto [...]*<sup>31</sup>

Para que haja a referida compreensão, é necessária a explicitação do motivo, que é o "*fundamento significativo de um comportamento*"<sup>32</sup>. Havendo nexos causais entre o motivo e a regularidade estatística do fenômeno, têm-se a regra sociológica. Dá-se, pois, desta forma, o tipo sociológico. No momento em que Weber teoriza sobre sua sociologia compreensiva, reconheceu também o prestigiado pensador que há uma lacuna nesta própria ciência: os fatos sociológicos incompreensíveis. São, embora importantes, conforme afirmou, deslocados "*para um lugar diverso do da acção compreensível: para o das suas 'condições', 'ocasiões', 'obstáculos' e 'estímulos'*"<sup>33</sup>.

Os motivos da ação típica-ideal são, portanto, racionais. O tipo ideal possui "leis" enquanto "probabilidades típicas"<sup>34</sup>. O teórico alemão assim descreveu o que seria essa probabilidade:

*Neste caso, é admissível a afirmação de que, quando se agir de um modo estritamente racional e teleológico, se teve de actuar assim e não de outro modo (porque por razões "técnicas", os participantes, no serviço dos seus fins – claramente aduzíveis -, só dispunham de estes e não de outros meios).*<sup>35</sup>

---

<sup>30</sup> Idem, p. 16.

<sup>31</sup> Id., p. 17.

<sup>32</sup> Id., p. 20.

<sup>33</sup> Id., p. 23.

<sup>34</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010, p. 33.

<sup>35</sup> Idem.

A conclusão que decorre do até aqui exposto é que a ciência de Weber expôs “regras gerais do acontecer”<sup>36</sup>, afastando-se da História por esta se tratar de investigação do singular, bem como da Psicologia enquanto possibilidade da pesquisa da irracionalidade.

O reconhecer dos tipos ideais, embora devendo ser descrito de forma unívoca, afasta a compreensão do cientista da do vulgo. É afastamento do senso comum, e torna-se estranha a linguagem aos não iniciados na ciência de Max Weber:

*Quanto mais precisa e mais unívoca é a construção dos tipos ideais, por conseguinte, quanto mais estranhos eles são, nesse sentido, ao mundo, tanto melhor é o serviço que prestam, quer no plano terminológico e classificatório quer também no heurístico.*<sup>37</sup>

A ação social pode ser tipificada de quatro formas: “ação racional com relação a um objetivo [...], ação racional com relação a um valor [...], a ação afetiva ou emocional e, por último, a ação tradicional”<sup>38</sup>.

Para concluir os conceitos fundamentais de Max Weber deve-se acrescentar um conceito que também possui expressiva relevância: as espécies de ordem legítima. Uma vez que o sociólogo alemão não se preocupa com a interioridade e a consciência dos seres humanos enquanto singulares, é à ordem externa que mais atenção é devotada. Essa ordem pode ser de dois tipos: convenção social e ordem jurídica.<sup>39</sup> As duas possuem em comum a característica de se imporem objetivamente aos indivíduos. São normas heterônomas, destarte. O que as diferencia é o modelo de sanção para a desobediência aos seus comandos: a norma jurídica possui um “corpo de homens”<sup>40</sup> que forçarão à obediência ou castigarão fisicamente em caso de infringência. A convenção, por seu turno, apresentará uma “reprovação

---

<sup>36</sup> Idem, p. 35.

<sup>37</sup> Id., p. 38.

<sup>38</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 727.

<sup>39</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010, p. 63ss.

<sup>40</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010, p. 63.

relativamente geral"<sup>41</sup>. Isso não faz do Direito mais forte em relação às convenções sociais, ambas são ordens legítimas e, por vezes, o boicote que o infrator recebe é sanção mais gravosa que uma penalidade jurídica.

## **PRÓXIMOS, PORÉM DISTANTES**

Da simples leitura da obra de ambos é possível perceber que Marx e Weber sustentam suas teorias sobre fundamentos distintos. Há, entretanto, pontos de convergência.

Entre as posições em que se reconhece alguma semelhança está a falta de consciência dos motivos do comportamento social, seja porque é necessária uma objetividade que só se atinge por meio de método científico específico, seja porque a consciência no comportamento social é afastada pela ideologia que submete as classes exploradas.

Outro ponto de convergência é o objeto principal de estudo de ambos: a sociedade capitalista. Embora a valoração desse sistema seja objeto de divergência, é inafastável que Marx é o sociólogo do capitalismo e neste sentido também o é Weber. Ambos aspiram compreender porque a sociedade capitalista seja como efetivamente o é. Embora para um deva ser na economia que há de ser encontrada a fonte da compreensão, para o outro há a pertinência de valores, entre os quais, religiosos, como vetores de influência no desenvolvimento desta sociedade. Aron assim afirma, sobre esta questão:

*[Weber] quis demonstrar que a conduta dos homens nas diversas sociedades só pode ser compreendida dentro do quadro da concepção geral que esses homens tem da existência. Os dogmas religiosos, e sua interpretação, são partes integrantes dessa visão de mundo; é preciso entendê-los para compreender a conduta dos indivíduos e dos grupos, notadamente seu comportamento econômico. Por outro lado, Weber quis provar que as concepções religiosas são, efetivamente, um determinante da conduta econômica e, em consequência, uma das causas das transformações econômicas das sociedades.<sup>42</sup>*

---

<sup>41</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010, p. 63.

<sup>42</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 772.

Entre Marx e Weber há uma diferenciação que aponta para uma possível superação de uma filosofia que reconheça um sentido totalizante do ser humano enquanto tal. Para Marx, a ciência percebe e teoriza um progresso humano. Ao passo que Weber não tem esta preocupação. Não é o Homem enquanto tal que parece ser o objeto da pesquisa weberiana, mas as diversas e singulares sociedades. É o que se extrai da exposição do pensamento weberiano exposto em outros trechos do presente trabalho. A ciência compreensiva de Weber aspira investigar algo mais microscópico que Marx, que teoriza em termos de humanidade.

Convém salientar, por oportuno, a repercussão que ambos teóricos obtiveram. Neste sentido, há um reconhecido afastamento: a sociedade no conceito weberiano se sustenta na ação dirigida a outro<sup>43</sup>, enquanto para Marx a ação é um repelir do outro, é a luta de classes<sup>44</sup>. Na terminologia de Pedro Demo, um é institucionalista o outro é conflitista.<sup>45</sup> O institucionalismo é a corrente sociológica que enfatiza o papel das instituições sociais, do consenso dos valores, da estabilidade social e do funcionalismo (as partes são funcionais ao todo); ao passo que o conflitismo acentua que a coação prevalece sobre o consenso, pois, para esta corrente, a sociedade está em constante mutação e os elementos deste agrupamento são contraditórios entre si os quais uns indivíduos exercem a coação sobre outros.<sup>46</sup>

Outro aspecto que merece atenção, com respeito à repercussão das diferentes abordagens sobre o capitalismo, informa Juan Marsal:

*Ao chegar a esse ponto, é preciso notar as diferenças fundamentais com Marx. Não devemos enganar-nos com quaisquer semelhanças terminológicas e metodológicas parciais. O desacordo entre Weber e Marx é de fins, não de meios. Muitas vezes coincidirão na análise, mas há um ponto em que a indiferença é essencial: para Marx o capitalismo era irracional e indesejável, para Weber o capitalismo era a forma universal de modernização e a expressão mais alta da racionalização do homem ocidental.<sup>47</sup>*

---

<sup>43</sup> WEBER, Max. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010.

<sup>44</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006..

<sup>45</sup> DEMO, Pedro. *Sociologia. Uma introdução crítica*. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 198., pp. 66 e 67.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> MARSAL, Juan. *Porque Weber?* In: WEBER, Max. *Ciência e política. Duas vocações*. Traduzido por Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. pp. 13-24; pp. 21 e 22.

Assim, em que pese ser a sociedade capitalista o mesmo objeto da pesquisa científica para ambos, os resultados são distintos. Não apenas o próprio resultado, mas também o valor que Weber e Marx atribuíram aos fenômenos estudados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de se constatar que há semelhanças e afastamentos, é imperativo reconhecer também que a ciência moderna, tal como aqui foi objeto de comparação, possui a marca da pluralidade do olhar do pesquisador. Embora se reconheça que o objeto era primordialmente o mesmo, os autores aqui estudados empreenderam caminhos distintos e valoraram de forma ainda mais diversa seus resultados.

Para a compreensão do que seja a sociologia, seu método, seu objeto de estudo, a leitura dos autores que constam entre seus fundadores é essencial. Até porque, os autores iniciais possuíram seguidores que *continuaram* seus trabalhos.

A leitura dos clássicos desta ciência social permite reconhecer como suas reflexões não se perderam com o tempo. Hoje desenvolvidas, fizeram escola no mundo ocidental. São obras lidas com entusiasmo pelos engajados politicamente, bem como por profissionais que aspiram a obter uma compreensão mais aprofundada da sociedade em que vivem.

Se é salutar a leitura dos fundadores da sociologia de forma geral, o é de forma enfática ler as obras de Weber e Marx e compará-las, como aqui breve e superficialmente se fez. Para o estudante do curso de Direito, recomenda-se reconhecer que a ciência do direito não pode prescindir das contribuições da sociologia.

## **REFERÊNCIAS**

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. Tradução de Sergio Bath. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DEMO, Pedro. *Sociologia. Uma introdução crítica*. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 1985.

GIANNOTTI, José Arthur. *Karl Marx*. In: Coleção Os Pensadores. Traduzido por Edgard Malagodi. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1999. pp. 05-19.

HARNECKER, Marta. *Los conceptos elementales del materialismo histórico*. 8ª Edição. Espanha: Sigloveintiuno editores, 1976.

MARX, Karl. *Prefácio*. In: MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Traduzido por Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 23-29.

\_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. Traduzido por Luiz Claudio de castro e Costa. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MARSAL, Juan. *Porque Weber?* In WEBER, Max. *Ciência e política. Duas vocações*. Traduzido por Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. pp. 13-24.

SANT'ANNA, Silvio *O livro do século* In: WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. pp. 11-20.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. *Ciência e política. Duas vocações*. Traduzido por Jean Melville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

\_\_\_\_\_. *Capítulo 1: Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Traduzido por Arthur Mourão. Covilhã: LusoSofia, 2010.